

OPINIÃO

TEXTO: ARMANDO COSTA, ODUVALDO VIANNA FILHO, PAULO PONTES

MÚSICAS: ZÉ KÉTI E JOÃO DO VALE

M. [redacted]
292(81)
Classif. C.O.
No. 3577/03

EDIÇÕES DO VAL, RIO DE JANEIRO, 1965

As Intenções de Opinião

Este espetáculo tem duas intenções principais. Uma, é a do espetáculo propriamente dito; Nara, Zé Kéti e João do Vale têm a mesma opinião — a música popular é tanto mais expressiva quanto mais tem uma opinião, quando se alia ao povo na captação de novos sentimentos e valores necessários para a evolução social; quando mantém vivas as tradições de unidade e integração nacionais. A música popular não pode ver o público como simples consumidor de música; ele é fonte e razão de música.

A música de Zé Kéti tem uma nova riqueza de variação que representa o novo sambaista que anda por Copacabana, canta em faculdades, participa de filmes, ouve rádio e disco. A riqueza de variação da música de Zé Kéti representa uma capacidade mais rica de sentir a realidade. A música de Zé Kéti também tem uma nova violência — menos utanista e mais concreta.

O grupo "Opinião" estreou em 11 de dezembro de 1964, no teatro do Super-Shopping Center da Rua Siqueira Campos, numa realização do Grupo Opinião e Teatro de Arena de São Paulo, com a participação de: Nara Leão, Zé Kéti, João do Vale
Músicos: violão — Roberto Nascimento; flauta — Alberto Hekel Tavares; bateria — João Jorge Vargas
Direção Musical: Derival Czymmi Filho
Direção Geral: Augusto Boal
No dia 30 de janeiro de 1965 Suzana de Moraes substituiu Nara Leão
No dia 13 de fevereiro de 1965 Maria Bethânia substituiu Suzana de Moraes, com direção musical de Geni Marcondes

Fotos: FERNANDO AMARAL

MÚSICA DE OPINIÃO

Peça na Pimenta, João do Vale e Zé Batista; Pina na Fulô, João do Vale; Samba, samba, samba, trecho, Zé Kéti; Tomé Moreção, João do Vale; Borandê, Edis Ledoo; Noticiário de Jornal, Zé Kéti; Missa Agrária, trecho da peça musical de Gianfrancesco Guarnieri e Carlos Lira; Carcará, João do Vale e Zé Cândido; Tubinho, Zé Kéti; Pateado, Zé Kéti; Nega Dina, Zé Kéti; Trecho de Deus e o Diabo na Terra do Sol; Segrêdo de Sertanejo, João do Vale e Zé Cândido; Matuto Transviado, João do Vale; Voz do Morro, trecho, Zé Kéti; If I had a hammer, Pete Seeger; I ain't scared of your jail, Pete Seeger; Guantanamo, Pete Seeger; Canção do Homem Só, Carlos Lira e Vinícius de Moraes; Sina de Caboclo, João do Vale e J. B. Aquino; Opinião, Zé Kéti; Mal-me-quer, Cristóvam de Alencar e Newton Telzera; Insensíveis, Tom Jobim e Vinícius de Moraes; Marcha do Rio de Graus, trecho, Zé Kéti; Malvoada Durão, Zé Kéti; Gimba, Carlos Lira e Gianfrancesco Guarnieri; Tristeza não tem fim, trecho de Tom Jobim e Vinícius de Moraes; Esse Mundo é Meu, trecho de Sérgio Ricardo e Rui Guerra; Deus e o Diabo na Terra do Sol, trecho de Sérgio Ricardo e Glauber Rocha; Maria Molta, Carlos Lira e Vinícius de Moraes; Minha História, João do Vale; Marcha da Quartel-Feira de Cinzas, Vinícius de Moraes e Carlos Lira; Tiradentes, Francisco de Assis e Ari Toledo; Cicatriz, Zé Kéti e Herminio Beilo de Carvalho.

DIRETOR DESTA EDIÇÃO RESERVADOS A EDIÇÕES DO VAL LTDA. PRAÇA MAHATMA GANDHI, 2 — SALA 204 — TELEFONE 24-902 — RIO DE JANEIRO — OB — 20-26



Arte, repressão e resistências nas ditaduras militares do conesul

Sobre

A revista SURES, de periodicidade semestral e em formato digital, surge com a proposta de apoiar a pesquisa interdisciplinar e de contribuir para o desafio de pensar de modo plural as epistemologias do hemisfério sul. Por isso se define como veículo de desafios, difusão e debate de ideias, estudos e relatos de experiências, além de se constituir em espaço aberto à comunidade acadêmica, não apenas latino-americana mas internacional, que traduzam reflexões de caráter transnacional sobre temas dos mais variados enfoques e que iluminem as relações interculturais no século XXI. O veículo se constitui como um espaço aberto à comunidade acadêmica, com foco na atividade crítica, tanto no que diz respeito às categorias conceituais como em seus desdobramentos estéticos, éticos e políticos. A revista SURES tem ainda o propósito de divulgar conhecimentos, saberes, línguas originárias e propostas teóricas e práticas inéditas sobre a atuação na pesquisa do Instituto de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-americana e contribuir para a formação de recursos humanos na pós-graduação.

SURES: Arte, Cultura e História na América-Latina/
Instituto Latino-Americano de Arte, cultura e
História da
Universidade Federal da Integração Latino-
Americana –
v.1, v. 2 n. 14. (abr. 2020) –Paraná/Foz do Iguaçu:
ILAACH-UNILA.

Dossiê: Arte, repressão e resistências nas ditaduras
do cone sul. ISSN 2317-2738

História – América Latina 2. Ditaduras
Memória I. Universidade Federal da
Integração Latino-Americana. Instituto
Latino-Americano de Arte, Cultura e
História.





EXPEDIENTE

CORPO EDITORIAL

EDITORA RESPONSÁVEL

Michele Dacas

CONSELHO EDITORIAL

Diana Araújo Pereiral (UNILA)

Jorgelina Ivana Tallei (UNILA)

Paulo Renato da Silva (UNILA)

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Sharlon F. de Fraga

REVISÃO TEXTUAL

Angélica Santamaría Alvarado

Carlos Eduardo do Vale Ortiz

Cristina Pinilla

Duverly Joao Incacutipa Limachi

Giovanna Sampaio

Juliana Tonin

Sônia Cristina Poltronieri

Thiago Augusto Lima Alves

SITE

revistas.unila.edu.br/sures

E-MAIL

suresrevista.unila@gmail.com

ISSN 2317-2738

REVISTA DIGITAL DO ILAACH - UNILA

ORGANIZAÇÃO DESTA EDIÇÃO

Ana Marília Carneiro

Pós-doutoranda em História (CAPES-PrInt/UFMG).

Doutora em História pela Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG). Membro do Laboratório de

História do Tempo Presente LHTP/UFMG.

<http://lattes.cnpq.br/1868716813818888>

Natália Batista

Pós-doutora no Instituto de Ciências Sociais da

Universidade de Lisboa. Doutora em História So-

cial pela Universidade de São Paulo. Membro do

Núcleo de História Oral NHEO/UFMG.

<http://lattes.cnpq.br/7604769311506722>

PARECERISTAS

Ana Maria Colling

Caio de Souza Gomes

Carlos Federico Domínguez Avila

Daniel Saraiva

Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos

Gessé Almeida Araújo

Gregório Foganholi Dantas

José Esteves Evagelidis

Mariana Bortolotti

Meize Regina de Lucena Lucas

Paulo Bio Toledo

Rafael Morato Zanatto

Sabina Florio

Wallace Andrioli Guedes

FOTO DE CAPA E SEÇÕES DESTA EDIÇÃO

Capa: "Opinião. Texto completo do show". Edições do Val, 1965

Teatro União e Olho Vivo durante os ensaios de

"Bumba, meu Queixada" de César Vieira, na antiga

sede do grupo na Rua Capote Valente na década

de 1970. Crédito: Arquivo Público do Estado de

São Paulo.

Terra em Transe - Filme de Glauber Rocha

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar.

05 Editorial

- 13 "Uma Verdadeira Aula de Comunismo": *A Chinesa* (1967 de Jean-Luc Godard e sua Interdição no Brasil)
- 32 "Todavía Cantamos". Represión Cultural, Exilio y Resistencia en Argentina: un acercamiento a partir del caso de los músicos exiliados en México entre 1976-1983
- 51 Realismo Mágico e Cinema de Terceiro Mundo no Projeto Cinemtográfico Não-Filmado de *A Hora dos Ruminantes*
- 65 Surrealismo "Anacrónico", Internacionalismo y trotskismo en la Última Dictadura Militar Argentina (1976-1983)
- 92 Modernistas Tropicalistas ou: Nem Por Isso o Pão Ficou Mais Barato
- 110 Ferreira Gullar e Paulo Emílio: No Compasso das Expectativas
- 135 Uma Análise de *Jornada de um Imbecil até o Entendimento*, de Plínio Marcos, Enquanto Alegoria do Golpe Brasileiro de 1964
- 152 Nos Bastidores e nos Palcos: A Resistência Feminina à Ditadura Civil-Militar Brasileira
- 171 El Quehacer Teatral Independiente Uruguayo Contra el Consenso Cultural de la Dictadura: radicalidad, liminalidad y subversión
- 195 Entre Engajamento, Censuras e Consensos: a cena cultural durante a ditadura civil-militar (1964-1985)

Entrevista

- 86 Cinquenta Anos de *Pau de Arara*: uma entrevista com Bernardo Kucinski
- 165 "Repensando o campo: uma discussão sobre a historiografia dos estudos culturais durante as ditaduras latino-americanas"

Exposição de artes

- 132 associação brasileira de artistas independentes / Sergio Augusto Medeiros

Terra em Transe - Filme de Glauber Rocha



Editorial

As experiências ditatoriais que emergiram nos países do Cone Sul ao longo da segunda metade do século XX vem despertando cada vez mais interesse – não apenas por parte de pesquisadores latino-americanos, mas do público em geral, em diversos continentes. A atração pelo tema está acompanhada de novas releituras e abordagens, na medida em que os estudos sobre a história das ditaduras pode ajudar a compreender os múltiplos aspectos que se relacionam com a permanência de práticas repressivas e valores autoritários nos governos da região na atualidade. A ascensão de líderes de extrema direita que negam a existência da ditadura ou a consideram positiva fez com que o tema se impusesse na agenda do debate público. Todos têm uma opinião [baseada em estudos ou na sua própria vivência] sobre o que foram as ditaduras do cone sul.

Por sua vez, o campo acadêmico também está inserido nesse mesmo contexto de maior divulgação do conhecimento histórico sobre esta temática. Nota-se uma ampliação das pesquisas sobre esse período nos últimos anos. As razões são variadas, mas alguns aspectos certamente contribuíram para esse alargamento: a abertura de arquivos e a disponibilidade de documentos classificados anteriormente como sigilosos; a constituição de grupos de pesquisas transnacionais e os projetos colaborativos entre seus membros e as próprias políticas de memória fomentadas por alguns países latino-americanos nos anos recentes.

O debate se tornou mais complexo e as categorias canônicas, por vezes, não conseguiam explicar todos os fenômenos relacionados a esse tema, principalmente quando se pensa nos estudos culturais realizados nos contextos ditatoriais. Pesquisadores do campo da cultura tem se debruçado cada vez mais na construção e adaptação de conceitos e categorias que contribuam para a interpretação das especificidades presentes nas dinâmicas das ditaduras latino-americanas.

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar



Este dossiê pode ser considerado um dos produtos desse novo cenário. A partir dele pretende-se contribuir para a ampliação desse debate. O foco principal foi reunir contribuições voltadas para a análise da dinâmica dos campos cultural e artístico inscritas nas diversas experiências ditatoriais nos países do Cone Sul a partir da segunda metade do século XX. Foram selecionados trabalhos que analisam peças teatrais, filmes, obras literárias, militância cultural partidária, exílio, atuação de intelectuais e discussão historiográfica. Os artigos são interpretados por seus autores a partir de diferentes categorias como gênero, análise comparativa, estudos censórios, recepção e análise textual e filológica. Os temas têm relação com as ditaduras brasileira, argentina, chilena e uruguaia e foram produzidos por pesquisadores de diferentes instituições do continente.

O principal fator para a escolha desses artigos se deu pelo interesse de pensar a América Latina conjuntamente. No Brasil, o golpe de 1964 que instaurou uma ditadura militar e que se prolongaria por mais de duas décadas não pode ser compreendido como um evento isolado. Existia um contexto marcado pelas tensões da Guerra Fria e da conturbada conjuntura internacional. Brasil, Paraguai, Uruguai, Chile e Argentina assistiram à emergência de golpes de estado sucessivos e à ascensão de inúmeras ditaduras entre as décadas de 1950 e 1970.

As experiências autoritárias nesses países se deram em temporalidades próximas e apresentaram características comuns estimuladas pelas diretrizes provenientes da Doutrina de Segurança Nacional e pela arquitetura de um aparato repressivo mobilizado para derrotar os opositores desses regimes. Ao lado da repressão física, que buscou eliminar os dissidentes através da prisão, tortura, desaparecimentos e assassinatos, os regimes militares acionaram um arcabouço repressivo censório voltado para controlar a produção e execução das produções culturais e artísticas e difundir na sociedade um discurso pautado na suposta “defesa da moral e dos bons costumes”.

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar



A resistência cultural ganha corpo nesse dossiê, não apenas como contraposição às arbitrariedades perpetradas pelo regime, mas como demarcação de um campo de pesquisa. Neste sentido, a “resistência cultural” se constituía não apenas como uma reação à violência e aos problemas sociais e políticos determinados pelas arbitrariedades perpetradas pelos regimes, mas pode ser compreendida como uma expressão de sentido e lógica própria, inserida em um contexto de concepção definido por inúmeras variantes e condicionamentos históricos, econômicos e culturais, de âmbito nacional e latino-americano.

No geral, os trabalhos abordam a perspectiva da resistência, concebida tanto a partir da perspectiva de movimentos e coletivos culturais e contraculturais, quanto a partir das diversas manifestações e produções artísticas provenientes do cinema, da literatura, imprensa, teatro, música e demais esferas do campo das artes. A articulação das obras em relação às condições de produção ditadas pela ascensão da indústria cultural, às transformações provenientes de novas concepções estéticas, ao exílio e às restrições impostas pela censura também configuram análises contempladas neste dossiê, assim como pesquisas que exploram as trajetórias de artistas-intelectuais nesse período.

Espera-se ter reunido um conjunto de textos relevantes e diversos, que apresentem interpretações e abordagens variadas em diálogo com o tema principal proposto neste dossiê: as nuances da repressão e resistências no campo das artes durante as ditaduras militares do Cone Sul.

Vários trabalhos versam sobre o campo teatral, pensado através na análise da montagem de peças, da atuação de grupos contrários à ditadura, mas também da análise literária, através do estudo da dramaturgia. O artigo *O que fazer com o que restou? A aporia das memórias difíceis da ditadura em Villa, de Guillermo Calderón*, de Marina de Oliveira é um bom exemplo deste último aspecto ao analisar a função dos espaços destinados a prática de torturas e desaparecimentos a partir da dramaturgia

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar



do escritor chileno Guillermo Calderón. A autora utiliza o texto teatral para discutir sobre qual o papel dos lugares de memória no presente e a dificuldade de analisar as memórias traumáticas oriundos de contextos de violências perpetradas pelo Estado ditatorial. Também o artigo “*Análise de Jornada de um imbecil até o entendimento*”, de Plínio Marcos, enquanto alegoria do golpe militar brasileiro de 1964, de Roberta Carbone, se utiliza da dramaturgia para construir o seu argumento. A autora analisa a peça teatral de Plínio Marcos para interpretar as referências usadas pelo autor na construção do texto. A partir destes pressupostos busca-se argumentar de que forma a peça poderia ser compreendida também como uma alegoria do golpe militar brasileiro.

No que tange a atuação de grupos, Luciana Scaraffuni contribui para o dossiê com sua análise sobre o teatro uruguaio. Intitulado *El quehacer teatral independiente uruguayo contra el consenso cultural de la dictadura: radicalidad, liminalidad y subversión*, o artigo foca na análise de três grupos de teatro uruguaios atuantes do contexto anterior e posterior ao golpe de 1973. A autora explora como os grupos teatrais se opuseram ao regime e ressalta a importância do método de Bertold Brecht como ferramenta pedagógica e política em contextos ditatoriais.

Modernistas Tropicalistas ou: nem por isso o pão ficou mais barato é um artigo de Nina Nussenzweig Hotimsky que analisa a encenação do espetáculo *A semana*, realizado na cidade de São Paulo em 1972. A proposta da autora é compreender as condições de produção da obra e suas formas de circulação a partir do debate entre Modernismo e o Tropicalismo.

No âmbito cinematográfico as pesquisas tiveram foco principalmente na relação entre cinema e censura. Seja na análise da entrada de filmes estrangeiros no Brasil ou na interdição de projetos que poderiam ter mudado o panorama cinematográfico, a censura é o elemento unificador deste bloco de artigos. O artigo “*Uma verdadeira aula de comunismo*”: *A chinesa* (1967) de Jean-Luc Godard e sua interdição no Brasil,

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar



de Luiz Octavio Gracini Ancona, analisa o filme do diretor francês e sua repercussão no Brasil durante o ano de 1968. O autor examina a interdição do filme, acusado pelos censores de fazer doutrinação comunista, e como a proibição do filme deflagrou uma crise interna do regime militar.

No âmbito da produção nacional, o trabalho *Realismo mágico e cinema de Terceiro Mundo: repressão e resistência no projeto cinematográfico não-filmado de A hora dos ruminantes*, de autoria de Marcelo Cordeiro de Mello, se debruça sobre um projeto inacabado e parte desse pressuposto para construir uma proposta de cenário social caso o filme fosse divulgado durante o período da ditadura militar. Ainda que o projeto não tenha se concretizado, o autor analisa inúmeras fontes relativas ao filme e mostra como a ditadura militar brasileira pode ter contribuído para a sua não execução.

Um artigo que se insere no entrecruzamento entre o estudo da música latino-americana e a discussão sobre o exílio é o de Candelaria María Luque, intitulado “*Todavía cantamos*”. *Represión cultural, exilio y resistencia: un acercamiento a partir del caso de los músicos exiliados en México entre 1976-1983*. A autora examina em que medida a produção de músicos argentinos durante o exílio pode ser considerada uma forma de resistência-política musical. Para corroborar a sua tese central ela analisa três LP's produzidos por artistas argentinos exilados no México durante as décadas de 1970 e 1980, e, constrói um panorama a partir das noções de repressão, resistência e exílio.

Um debate também contemplado por este dossiê é a reflexão sobre o papel das mulheres na produção cultural latino-americana. A perspectiva dos estudos de gênero norteou dois artigos que buscaram entender como se deu a inserção das mulheres do campo político, musical e literário. Já o trabalho de Brenda Maria Rodrigues dos Santos, intitulado *Nos bastidores e nos palcos: a resistência feminina à Ditadura civil-militar Brasileira*, faz um apanhado da participação feminina na resistência à ditadura

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar



a partir de dois campos distintos: as que atuaram em partidos que foram colocados na clandestinidade com o golpe de 1964 e papel das cantoras que tanto na música quanto em manifestações públicas tiveram manifestações contrárias ao regime militar.

No campo da militância – tanto política-cultural quanto partidária – dois artigos permitem compreender as nuances das discussões intelectuais que terminam por adentrar no campo da atuação política propriamente dita. No artigo *Surrealismo “anacrônico”, internacionalismo y trotskismo en la última dictadura militar argentina (1976-1983)*, Ramiro Alejandro Manduca analisa variadas experiências artísticas produzidas pelos militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), organização trotskista que se opunha a luta armada. O autor busca demonstrar como o surrealismo foi mobilizado para a construção de obras políticas e estéticas que visualizavam no futuro saídas para resistir a ditadura.

Lorenzo Evola, por sua vez, compara a trajetória de dois importantes intelectuais brasileiros de grande relevância para a construção de ações culturais que modificaram o campo do debate político da esquerda. Em *Ferreira Gullar e Paulo Emílio: no compasso das expectativas*, o autor analisou tanto as fabulações teóricas, quanto as intervenções no espaço público defendidas por cada autor. Foram mapeadas as trajetórias dos intelectuais ao longo da década de 1960 e criadas possibilidades interpretativas para as suas discordâncias epistemológicas.

No campo da discussão historiográfica do campo, o artigo *Entre engajamento, censuras e consensos: a cena cultural durante a ditadura civil- militar (1964-1985)* de Leonardo Fetter da Silva, tem a função de cumprir esse papel. A proposta do autor é fazer um mapeamento historiográfico do período, explorando a produção artística brasileira no contexto anterior ao golpe militar, a cena cultural durante os primeiros anos do regime militar e a relação com a censura e os consensos presentes nas ações culturais.

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar



Duas entrevistas encerram o dossiê e contemplam dois importantes aspectos relativos tema da arte, repressão e censura: historiografia e a memória. A primeira intitulada *“Repensando o campo: uma discussão sobre a historiografia dos estudos culturais durante as ditaduras latino-americanas”* foi concedida por Miliandre Garcia às organizadoras deste dossiê: Ana Marília Carneiro e Natália Batista. A historiadora analisou sua trajetória como pesquisadora do campo artístico cultural brasileiro e falou sobre o avanço do campo de pesquisa, os debates contemporâneos e a necessidade de repensar constantemente as categorias canônicas desta temática como repressão e resistência.

Já a entrevista *“Cinquenta anos de Pau de arara: uma entrevista com Bernardo Kucinski”* conduzida por Weverson Dadalto tem como proposta uma análise do livro *“Pau de Arara”* primeiro livro do jornalista sobre a ditadura militar publicado em 1970 em coautoria com Ítalo Tronca. A obra completará 50 anos este ano e teve importância fundamental na denúncia da ditadura militar brasileira exterior. Ainda que Bernardo Kucinski seja ainda hoje um relevante jornalista e escritor sobre o tema da ditadura, situamos esta entrevista no campo na memória exatamente porque ele faz um balanço memorialístico sobre esse período perpassando temas como repressão, tortura, resistência, literatura e o papel dos jornalistas naquele contexto.

Ana Marília Carneiro

Pós-doutoranda em História (CAPES-PrInt/UFMG). Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Laboratório de História do Tempo Presente LHTP/UFMG.

<http://lattes.cnpq.br/1868716813818888>

Natália Batista

Pós-doutora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Membro do Núcleo de História Oral NHEO/UFMG.

<http://lattes.cnpq.br/7604769311506722>

Atrizes fazem passeata contra a censura durante a ditadura militar

